Corpo como resistência: questões de gênero em
poemas de Elizandra Souza

Pilar Lago e Lousa¹

Resumo: A poética de Elizandra Souza traz uma preocupação estética, literária e política com a subalternização das mulheres periféricas, relegadas pelo cânone literário nacional e marginalizadas tanto pela questão de gênero quanto pelo viés geográfico-econômico e, na maioria das vezes, pelo viés racial. Importante expoente da literatura marginal-periférica², a autora tem como prática literária a busca constante pela desconstrução da representação feminina tradicional e eurocêntrica, a problematização de mitos e tabus, além de denunciar a violência e o estigma imputados às mulheres periféricas. Ao romper com agentes mediadores do processo de produção editorial, revela uma autorrepresentação que vem de dentro da periferia. O objetivo deste artigo é analisar as questões de gênero que perpassam os poemas utilizados como recorte deste estudo, contidos nos livros *Punga* (2007) e *Águas da Cabaça* (2012), e verificar como a linguagem literária é utilizada para evidenciar o corpo como espaço simbólico de luta e resistência. Para tal, serão utilizadas as perspectivas teóricas de autoras como Sueli Carneiro (2003), Bell Hooks (2014), Guacira Lopes Louro (2010), Elaine Showalter (1993), Lucia Teninna (2015) e Naomi Wolf (1992).

Palavras-chave: autorrepresentação feminina; corpo feminino; resistência e ruptura estética; estudos de gênero.

Abstract: The poetry of Elizandra Souza brings an aesthetical, literary and political concern regarding the subordination of marginal women, relegated by the canonical literature and marginalized both for gender and economic-geographical issues and, most of times, also for racial issues. Important exponent of the marginal literature, the author has as her literary practice the constant aim at the deconstruction of the traditional and Eurocentric female representation, the discussion of myths and taboos, reveal-

¹ Especialista em Literatura Brasileira pela Pontifícia universidade Católica de São Paulo e atualmente Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Sua área de interesse e pesquisa é a literatura brasileira contemporânea, com ênfase em representação e autorrepresentação de mulheres na literatura, estudos de gênero, autoria feminina e teorias feministas. É membro do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea” (CNPq/UFG). Desenvolve pesquisa sobre a obra poética das escritoras Elizandra Souza e Luiza Romão, com bolsa da CAPES e sob orientação do Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo.

² Usaremos o termo literatura marginal-periférica, defendido por Érica Peçanha do Nascimento em entrevista à Ingrid Hapke (2011, p. 219), em que a antropóloga e estudiosa afirma que a junção dos termos “marginal” e “periférico” evita as polissemias mais negativas e torna-se um jeito de melhor contextualizar tal literatura e evidenciar a questão geográfica.

ing the violence and stigmas imposed to marginal women. When disrupting intermediates from the editorial production process, she unveils a self-representation from inside the marginal areas. The objective of this article is to analyze the gender issues that permeate the poems selected for this study from the books *Punga* (2007) and *Águas da Cabaça* (2012), and to check how the literary language is used to evidence the body as a symbolic space for resistance and fight. For such, theoretical perspectives from authors such as Sueli Carneiro (2003), Bell Hooks (2014), Guacira Lopes Louro (2010), Elaine Showalter (1993), Lucia Teninna (2015) and Naomi Wolf (1992) shall be used.

Key words: female self-representation; female body; resistance and aesthetical disruption; gender studies.

Considerações iniciais: o lugar da mulher na literatura marginal-periférica

Quando as três edições especiais da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal*: a cultura da periferia, organizadas e editadas por Ferréz, foram lançadas no início dos 2000 em Atos - I (2001), II (2002) e III (2004) – o cânone tradicional brasileiro foi tomado de assalto por um tipo de literatura oriunda das favelas e periferias, principalmente de São Paulo, e passou a ter de dar conta de questões até então negligenciadas e agentes literários e culturais até então silenciados e marginalizados. A produção das obras começou antes disso, mas foi somente com essas publicações, consideradas um marco pela antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (2009), que a Literatura Marginal-Periférica consolidou-se como “uma ação coletiva sustentada por um projeto intelectual comum, cujo desdobramento é também estético, político e pedagógico” (NASCIMENTO, 2009, p. 52).

A literatura é um campo de lutas, um território contestado segundo Regina Dalcastagnè (2012, p. 7). Nesse campo de batalhas, disputas são travadas a fim de conferir legitimidade a determinados grupos em detrimento de outros. Como reflexo da sociedade, onde afeta e é afetado por ela, a literatura brasileira estruturou-se e crista-

lizou-se em uma forma de representação bastante excludente dando voz, ainda segundo a autora, a homens brancos, heterossexuais, de classe média e de cultura judaico-cristã.

O ato de representar nesse território cheio de armadilhas e disputas configura-se como um ato político, em que não apenas se escolhe quem representar e dar voz, mas principalmente quem será rechaçado e silenciado. Com o advento da literatura marginal-periférica grupos considerados subalternos tomam posse da própria voz, rompem com intermediários e passam a ser sujeitos de seus próprios discursos, abalando de maneira irreversível as estruturas mais sólidas do cânone literário nacional.

Entretanto, ainda que num primeiro momento seja perceptível a preocupação com a problemática de classe a perspectiva de gênero havia sido negligenciada, visto que o lançamento das edições especiais da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal* e a publicação das primeiras obras traziam para o grande público escritores que falavam de dentro da periferia sobre questões da periferia como Ferréz, Saco-linha, Sérgio Vaz e Alessandro Buzo:

mas chama a atenção que o trabalho que foi forjado a chamada Literatura Marginal-Periférica está marcado por uma maior presença masculina – em consonância com o campo literário letrado. Já desde a primeira publicação que nomeou o conjunto, pode-se perceber uma supremacia de escritores homens: dos 48 autores que compõem os três números dos especiais da Revistas Caros Amigos/Literatura Marginal, somente nove são mulheres. Assim mesmo, dos 11 títulos que tem a Editora Toró – a primeira editora administrada integralmente por um escritor periférico –, existem somente três assinados por mulheres, dois deles em coautoria com homens. (TENNINA, 2015, p. 304)

A questão da representatividade da autoria feminina parecia

estar em segundo plano, o que revela uma dupla marginalização em que “elas não somente sofrem a exclusão de classe, mas também a de gênero: e esse sofrimento é provocado tanto pelos grupos hegemônicos quanto pelos mesmos homens periféricos. Elas seriam os subalternos dos subalternos, dominadas dos dominados” (TENNINA, 2015, p. 310). Mesmo quando apresentadas como personagens nas obras de autores periféricos as mulheres eram retratadas de maneira caricatural e mediatizada, bastante alinhada ao cânone tradicional. O espaço que lhes era designado pelos autores estava muito restrito ao reduto doméstico e, na maioria das vezes, orbitavam secundariamente em torno dos personagens masculinos como esposas, musas ou objetos de desejo.

Para Ruth Silviano Brandão (2004, p.11) “a personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio”. Faltava então conhecer os sonhos, a escrita, os desejos e anseios da escritora periférica e de sua representatividade.

E isso passou a acontecer com a criação de coletivos artísticos e literários femininos, com o crescimento da participação e protagonismo de mulheres em saraus e de ações para publicação e difusão de suas obras:

Em 2009, as mulheres que militam no Sarau Elo da Corrente e no Sarau da Brasa formaram o grupo Esperança Garcia, que organiza encontros para compartilhar e divulgar saberes das mulheres negras [...] Em 2010, foi criado o Sarau do Ademar, engendrado e coordenado majoritariamente por mulheres. No ano seguinte, no bairro do Capão Redondo, começou a se desenvolver o Sarau Delas, no qual mulheres não são apenas as organizadoras, mas a temática é exclusivamente feminina. (TENNINA, 2015, p. 310 e 311)

Neste artigo, analisaremos a poética de Elizandra Souza em virtude de seu protagonismo dentro da agenda cultural da periferia, pela importância de sua produção poética, por sua atuação e contribuição literário-estética e militância em prol da autoria feminina da literatura marginal-periférica. O intuito é destrinchar as questões de gênero que permeiam os excertos de poemas escolhidos para o recorte, visando tangenciar as seguintes questões: a (des)construção da representação feminina por meio do rompimento de tabus, mitos e clichês, e a reconstrução de um corpo feminino periférico *deseducado*³ que procura problematizar o que se espera da mulher em uma sociedade patriarcal opressora e resistir.

Elizandra Souza: *Punga, Águas da Cabaça* e a coletividade feminina

Dentre os importantes coletivos criados para pensar a questão da mulher periférica, também se deve destacar o grupo *Mjiba*⁴, criado por Elizandra Souza, Elisângela Souza e Thais Vitorino com o intuito de difundir, divulgar e promover as obras e coletâneas escritas por mulheres periféricas por meio do selo literário, além de promover eventos de *empoderamento* e conscientização como o *Mjiba em ação*, que ocorre todo ano desde 2004⁵ no dia 25 de julho, em homenagem ao Dia da Mulher Negra.

A noção da coletividade da mulher periférica, e muitas vezes negra, perpassa toda a obra de Elizandra Souza e também de suas

³ O corpo deseducado em oposição ao corpo educado sob a ótica da disciplinarização tradicional, amplamente criticada por Guacira Lopes Louro (2010)

⁴ A palavra “Mjiba” é originária de Zimbábue, da língua chona e significa Jovem Mulher Revolucionária. Fonte: <http://www.mjiba.com.br>, acesso em 20 jun. de 2016.

⁵ O *Mjiba em ação* é a principal ação do Coletivo *Mjiba* e acontece há mais de 10 anos no CEU Três Lagos, na região do Grajaú na capital paulistana. Fonte: <http://www.mjiba.com.br/mjiba-em-acao/mjiba-em-acao>, acesso em 05 jan. de 2016.

escolhas como integrante do grupo *Mjiba*. A palavra *Punga*⁶, título do primeiro livro lançado em 2007 pela Editora Toró, segundo a autora em entrevista à Lucia Tennina, é originária da dança Tambor de Criolo e significa a umbigada dada pelas mulheres como cumprimento quando entram na roda para dançar (2015, p. 324). O ato corporifica a dança, a coletividade de mulheres periféricas e segundo Tennina materializa um laço afetivo que perpassa toda a obra de Elizandra Souza e de outras autoras, fazendo com que a estudiosa proponha a ressignificação da palavra para a criação do conceito de *Punga* como um “‘estar-em-comum’ das mulheres periféricas” (2015, p. 324). O livro traz a busca pela ancestralidade negra, a necessidade de reposicionar-se socialmente como mulher e de resistir aos padrões estéticos, sociais e culturais impostos.

Águas da Cabaça (lançado em 2012) reforça e amadurece as temáticas abordadas no livro de estreia e consagra a poesia como um fazer todo pensado e concebido por mulheres. A cabaça aparece como símbolo de vida, fertilidade e de exaltação ao feminino. Para auxiliá-la na produção da obra, Elizandra Souza convidou seis⁷ mulheres para participarem de todo o processo criativo, a elas deu o nome de parteiras e destacou a importância da coletividade feminina. No que tange à disposição dos poemas, *Águas da Cabaça* é dividido em cinco partes epigrafadas por excertos de obras literárias de outras autoras, de origem africana ou afro-brasileira ou afro-americana: “Navego-me eu mulher” (Conceição Evaristo); “Não confunda com amor o sacrifício de si mesma” (J. Nozipo Maraire); “Não se vende o próprio sonho”

⁶ Palavra banto que significa umbigada “é um convite para entrar na roda batendo a barriga quando as mulheres estão dançando o tambor de criolo”. Autora em entrevista à Doutora Lucia Tennina. (TENNINA, 2015, p. 324).

⁷ Informação segundo o artigo *Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico*, de Silvia Regina Lourenso Castro. Disponível em <http://media.wix.com/ugd/d35737_5223ae58927d487c8ead2e0be49439d3.pdf>. Acesso em 13 ago. 2016

(Maria Tereza); “O Sonho é a verdade” (Zora Neale Hurston); “Curvos são os movimentos do sol e da lua” (Paulina Chiziane).

A importância da obra de Elizandra Souza, como se vai destacar a seguir, dá-se em um contexto de emancipação e *empoderamento* feminino de suma importância dentro da literatura marginal-periférica e em resposta a demanda social de mulheres. A obra da autora nos permite ler a “literatura e a periferia brasileiras partindo de outra perspectiva: uma perspectiva negra, feminista, jovem, urbana” (CASTRO, 2016, p. 52), e que nos permite ver a mulher periférica de maneira mais próxima da realidade, sem mediações caricaturais, como sujeito de seu próprio discurso e fazer poético-literário.

O Corpo deseducado: resistência e desconstrução

Elizandra Souza desponta como grande entusiasta da literatura marginal-periférica, e mais especificamente a de autoria feminina. Jornalista e poeta sua escrita procura desmistificar a representação feminina canonizada, romper com mitos e tabus que se preocupam em oprimir e esvaziar o discurso feminino. Seus versos procuram muitas vezes denunciar as mais diversas violências imputadas às mulheres periféricas como a simbólica, a de gênero, a social e a física, além de evidenciar uma resistência profunda e contundente à estrutura patriarcal que as marginaliza.

A disciplinarização e educação do corpo feminino atende a uma estrutura política e que privilegia homens em detrimentos de mulheres. Isto se dá por meio de processos culturais que se transformam através dos tempos e revelam o corpo como uma construção social que, na maioria das vezes, está a serviço do patriarcado instituindo normas de conduta opressoras que visam dominar e subjugar

mulheres. Assim, “através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política” (LOURO, 2010, p. 27).

No estudo *Anarquia sexual: sexo e cultura no fin de siècle*, Elaine Showalter questiona a necessidade política perpetuada através dos séculos de tornar a vagina um espaço interditado, proibido e de restringir ao aspecto meramente reprodutivo todas as questões relacionadas a ela e à biologia feminina. Assim, lançou-se um véu, um interdito, um silenciamento, imprescindível para dominar e controlar mulheres. Showalter afirma que: “o olhar masculino proporciona tanto o poder quanto o risco, pois o que está por trás do véu é o espectro da sexualidade feminina, uma boca silenciosa, porém terrível, que pode ferir ou devorar o observador masculino” (SHOWALTER, 1993, p. 194). Sob essa perspectiva as mulheres foram educadas para não gostar de si mesmas, para não compreender seus anseios e suas vontades, para não terem posse sobre seus próprios corpos, que servem numa visão machista apenas para o deleite e prazer dos homens.

A menstruação, como produto do espectro dessa “vagina dentada” capaz de devorar e castrar homens, foi praticamente criminalizada pela sociedade e tornou-se objeto de repulsa e vergonha. Os excrementos, o cheiro, a saúde da vagina feminina passaram a ser considerados elementos abjetos. Para Showalter, o olhar crítico sobre o mito da vagina dentada é de suma importância para compreender a autorrepresentação das mulheres e abala as estruturas da sociedade patriarcal, isso por que “a revelação da mulher por si mesma pode ser uma atitude chocante já que essa revelação coloca o poder no lugar da castração” (SHOWALTER, 1993, p. 206), do outro a quem foi rele-

gado o direito de falar. No primeiro poema do livro *Punga*, Elizandra Souza coloca em xeque esse que é um dos tabus mais antigos e recorrentes ligados ao feminino: a menstruação.

Sangre mais uma vez!
Expele do teu corpo
o embrião não fecundado
Junte todo o amargor
e sangre outra vez!

É dolorido,
mas sinta com intensidade essa cólica
esse mal estar,
mas sangre mais uma vez!

Sangre nessa hipócrita ,
junte todas as dores expelidas,
retire da calcinha
esse absorvente encharquecido
E jogue fora todos esses sangrados.

Mas Menstrue e Ação! (SOUZA, 2007, p. 10)

No poema *Menstruação*, o véu sob o órgão sexual feminino é retirado e desconstrói-se aos olhos do leitor a abjeção imposta que é rechaçada, ressignificado o elemento feminino até então considerado objeto de repulsa, como mola propulsora de mudança que incita a prática da ação. A repetição exclamativa de “sangre mais uma vez” conclama a todas as mulheres a não se manterem passivas frente à opressão sobre seus corpos. Evidencia a dor, por meio dos versos “junte todo o amargor” e “É dolorido,/mas sinta com intensidade essa cólica”, como um processo de expurgo necessário que não apenas coloca para fora o sangue e o “embrião não fecundado”, mas todas as injúrias, as violências e as práticas por meio das quais o feminino foi marginalizado.

A menstruação foi durante muito tempo considerada uma do-

ença que acamava meninas e mulheres e as permitia serem dispensadas do trabalho e da escolha, reforçando a noção de fragilidade e de inferioridade feminina. No poema de Elizandra Souza, o “eu-lírico” feminino reitera a necessidade de colocar para fora todos esses preconceitos com os versos da penúltima estrofe: “sangre nessa hipócrita sociedade,/junte todas as dores expelidas, retire da calcinha/esse absorvente encharquecido/e jogue fora todos esses sangrados”. Sangrar na hipócrita sociedade pode ser entendido como marcar em vermelho, trazer para o debate as discussões de gênero e descortinar a hipocrisia e a falácia com que mulheres são tratadas em uma cultura falocêntrica. É não aceitar o discurso que as ridiculariza e as esvaizia como seres humanos e dar voz para que elas possam se fazer ouvidas.

Com os versos “expele do teu corpo” e “o embrião não fecundado”, a autora crítica ainda a teoria biologizante, que reduz mulheres apenas à perspectiva da reprodução, transformando o corpo feminino não apenas num campo de batalha pela representatividade, mas em um espaço de prazer e afeto. O “eu-lírico” feminino plural e coletivo é portador da voz das mulheres, não só as periféricas, e num ato de rebeldia deixa claro que não aceita a abjeção compulsória e silenciamentos que lhes foram impostos socialmente, conclamando-as para que não mais se assujeitem. O verso final materializa e sintetiza, ao decompor em um jogo semântico a palavra menstruação em “menstrue” e “ação”, a necessidade de resistência feminina frente às práticas opressoras enraizadas em nossa sociedade.

A escolarização dos corpos femininos passa pela naturalização de condutas opressoras e com uma gama diversificada de imposições culturais que visam adequá-los “aos critérios estéticos, higiênicos, morais” (LOURO, 2010, p. 15) dos grupos aos quais pertencem. No

poema “Meio-termo”, da primeira seção do livro *Águas da Cabaça*, a poética está a serviço do questionamento desses padrões:

Cansei dessa minha poesia educação
Com pernas cruzadas para não mostrar a calcinha
Dessas palavras cheias de entrelinhas
Que não dizem à que veio, cantadas não entendi-
das
Esse ar de “mocinha” escondendo a “puta”
Essas caras e bocas que não gritam e nem espernei-
am. (SOUZA, 2012, p. 18: grifos da autora)

Nesse trecho, o uso da ironia evidenciada pelas expressões “pernas cruzadas” e “mostrar a calcinha”, aliadas ao questionamento da poesia educada, revela o corpo do poema imbrincado no corpo da mulher, que passa por uma transição entre deixar de ser objeto do discurso alheio para ser sujeito que pratica a ação e reivindica a representatividade feminina. Esse poema promove a reflexão sobre a representação relegada às entrelinhas, que revela uma experiência silenciada, que não é plena e habita espaços interditados. A “mocinha” que é obrigada a esconder a “puta”, que é cerceada e controlada, que é obrigada a viver o desconforto das “caras e bocas que não gritam e não esperneiam”. A problematização que o “eu-lírico” feminino faz às imagens clássicas e reducionistas da mulher como alguém subalterno, a quem é relegado o direito à voz descortina a violência simbólica das práticas cotidianas e funciona como um grito de resistência que rompe o silêncio compulsório feminino.

A vigília sobre o corpo feminino é constante e isto se deve à existência do que Naomi Wolf teorizou como o “mito da beleza”, que “expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam” (1992, p. 15). Padrões morais e estéticos impossíveis de

serem atingidos que causam frustração e despertencimento nas mulheres. Para a mulher periférica, retratada por Elizandra Souza, esse processo se dá de maneira mais predatória e cruel, isso porque, além do recorte de gênero, existe o recorte de classe em função da questão geográfico-econômica e, na maioria das vezes, a subalternização pelo recorte racial também. Excluídas pela misoginia masculina e muitas vezes rechaçadas pelas mulheres brancas que não conseguem entender suas demandas, as mulheres negras são obrigadas a viver em um espaço de silêncio ainda mais profundo e solitário.

Por isso, a autora tem como uma das temáticas mais recorrentes em seus versos a problematização do lugar da mulher negra na sociedade, buscando a ressignificação de seu corpo por meio do resgate da ancestralidade. Em *Sou seu HIV*, a autora chama atenção para a desconstrução da mediatização feita da representação da mulher negra:

Sou poeta destruidora de alienação
Saudando minha ancestralidade
Combatente, militante contra a padronização.
Que diz que só a loira é bonita
E que o feio está em mim
Enganou-se, pois, sou descendente de Zumbi
Resistente que nem Anastásia
Liderança feito Dandara. (SOUZA, 2007. p.19)

Nesse trecho do poema, Elizandra Souza tenciona e problematiza a questão do mito da beleza para além do gênero e coloca a questão racial no centro do debate. Segundo Bell Hooks (2014, p. 51-52) “a desvalorização da natureza feminina negra conduziu à degradação de toda a atividade realizada pelas mulheres negras. [...] Todos os estereótipos negativos para caracterizar as mulheres negras eram anti-mulher”. Tal prática levou à legitimação da exploração de suas

sexualidades e à naturalização de mitos que imputam à mulher negra o estigma de promíscuas, intelectualmente inferiorizadas e cuja beleza é interdita, fazendo com que todas as suas ações, conquistas e tudo aquilo que está relacionado ao universo feminino negro seja ridicularizado, considerado menor e menos importante. Assim construiu-se a grande falácia de que o corpo da mulher negra seria considerado ainda mais abjeto.

O “eu lírico” feminino procura justamente desconstruir essa representação cruel e deturpada, revelando uma mulher negra “destruidora da alienação”, aquela cuja missão é romper com estruturas e paradigmas pré-estabelecidos, que não aceita modelos que pasteurizam a figura feminina, a desumanizam-na e esvaziam sua complexidade. Uma mulher que milita, que combate, que não aceita o espaço de dor e abjeção que lhe foi imposto, uma mulher que reivindica a beleza, a inteligência e o acesso a voz dela e das demais a fim de reconstruir a visão que se tem do feminino negro.

A objetificação imposta ao corpo da mulher negra é rechaçada pelo poema que evidencia que o “feio”, o abjeto, não está nela, mas na sociedade que é incapaz de compreender e lidar com essa mulher *empoderada* e em franca libertação. Ao saudar a ancestralidade por meio do resgate de personagens importantes na luta e resistência negra por direitos e contra a sociedade escravocrata como “Zumbi”, “Dandara” e “Anastácia”, Elizandra Souza mostra a força da mulher negra, que não se deixa assujeitar, subalternizar e novamente escravizar.

De certa forma Elizandra Souza reescreve a história de sua ancestralidade sob a perspectiva da resistência, ressignificando o lugar da cultura negra como espaço de afeto e de possibilidade, contado pela perspectiva de quem a vive cotidianamente e não de maneira

mediatizada pela cultura branca, hegemônica e falocêntrica. Tal processo de reescrita é uma “espécie de releitura e revalorização do passado” e “funciona como uma prática de resistência à homogeneização presente no discurso dominante” (ZOLIN, 2015, p. 346).

Critica de maneira contundente a estrutura eurocêntrica, racista e excludente de nossa sociedade, além de lançar um olhar profundo para a necessidade de reparação história de nosso país sobre a escravidão e sobre o lugar da mulher negra na sociedade, que é sempre tido como inferior. Por meio do uso dos verbos “resiste” e “lidera” e do resgate da ancestralidade que não se deixou inferiorizar, o “eu-lírico” revela uma mulher que não se submete aos preconceitos e padrões sociais pré-estabelecidos, que é agente da mudança.

A figura feminina deflagrada ao leitor é a própria desconstrução da visão clássica de estética e beleza, centrada na mulher padronizada, branca, loira, alinhada a expressões ideológicas e construções identitárias excludentes. A mulher retratada nesse poema é a contracultura do sistema, aquela que invadirá o corpo social e, como um vírus, vai ocupar todos os espaços e transformar esse corpo em novas possibilidades:

somos veneno e não tem antídoto
espalhamos a destruição
destruiremos essa herança escravocrata
estrutura capitalista, racista, exploradora, deturpada. (SOUZA, 2007. p.20)

O vírus é negativo para o sistema opressor e “não tem antídoto”, ou seja, não há retorno, as mulheres negras não mais aceitarão o silenciamento imposto e o espaço de dor a que foram relegadas. O que contribui para a destruição, por dentro os padrões culturais e estéticos de uma sociedade castradora, predatória, misógina e, prin-

cialmente, racista, onde o corpo da mulher negra, sua identidade, sua cultura e religião são exploradas pelo direito legitimado socialmente de violá-las. Segundo Bell Hooks (2014, p. 39):

a primeira razão da violação das mulheres negras foi nunca receber nem sequer pouca atenção como as mulheres brancas receberam, por que as mulheres negras foram sempre vistas pelo público branco como sexualmente permissivas, disponíveis e ávidas pelos assaltos sexuais de qualquer homem, negro ou branco.

Por isso, faz-se tão necessário trazer para o debate das questões de gênero e da literatura o vértice da opressão racial vivida por mulheres negras, a fim de desconstruir e procurar compreender as violências sofridas pelo corpo e pela identidade delas. Para Sueli Carneiro, enegrecer o feminismo tem se revelado primordial, visto que “o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras” (2003a, p. 50).

E é exatamente isso que a poética de Elizandra Souza tem procurado fazer, convergir as demandas das mulheres negras, das mulheres periféricas, das mulheres que vivem à margem na sociedade, dando a elas o acesso ao lugar de fala e criando, por meio de versos, espaços de afeto e resistência. As escritoras que pautam a literatura marginal-periférica demonstram, de maneira geral, uma preocupação bastante grande com a militância, com a resistência à opressão sofrida e a necessidade de deflagrar as violências imputadas. A questão da representatividade ganha na obra poética de Elizandra Souza uma importância bastante consistente. Ouvir a voz das mulheres periféricas por meio de escritoras que vivem suas rotinas faz-se necessário

para dar visibilidade às suas demandas e necessidades. É também uma marca de luta, deflagrada pelo poema *Estribeiras do mundo*:

Como quero escrever
As lágrimas cristalinas das rochas,
As Mjibas e as Zapatistas de mãos dadas
Lutando de armas em punho
E beleza libertária

Quero colocar Africanas, Indígenas, Latinas
Na mesma luta por dignidade
Porque a desigualdade é a mesma nas estribeiras do mundo... (SOUZA, 2012. p.80)

A escrita, nesse poema, surge como arma, além dos punhos e da beleza que, muito além da estética, funda a liberdade como pauta para ação, a possibilidade de existir em completude. As “lágrimas cristalinas” são compartilhadas por todas as mulheres que sofrem as mesmas violências e opressões imputadas pela sociedade patriarcal, sejam elas Mjibas, Zapatistas, Africanas, Indígenas e Latinas. Elas estão unidas pela dor, mas também pelo afeto, pela empatia e pela luta que são retratados por esse “eu-lírico” feminino quase heroico, que, como portador da voz dessas mulheres, traz ao leitor o descortinamento e a importância do discurso poético como espaço simbólico e político da alteridade. Porque a dor e a desigualdade, como afirma a autora, são as mesmas nas estribeiras do mundo, são compartilhadas e denunciadas por meio do poema.

A “ideia de que o corpo da mulher tem fronteiras que não podem ser invadidas é bastante recente” (WOLF, 1992, p. 360), por isso se tem uma noção bastante naturalizada de que não há problemas mais graves em violentar, humilhar, desacreditar, violar, mutilar e matar o corpo da mulher, pois este seria considerado abjeto e subalterno, de menor importância. Por isso, para além de resistir, a poética

de Elizandra Souza revela outro caráter importante, o de que é preciso revidar. Revidar para que as mulheres periféricas e marginalizadas possam ser ouvidas, para que suas dores possam ser reveladas. No poema *Em Legítima Defesa*, a violência física sofrida por mulheres periféricas é denunciada e mais do que isso ocorre uma virada de placar surpreendente.

A não aceitação da violência sofrida, deflagrada nas primeiras estrofes vem acompanhada da punição dos homens que não sabem se comportar e por isso tem seus testículos expostos, pendurados em varais. O poema procura desconstruir o mito da mulher sacralizada, mãe, imaculada e resiliente, capaz de sofrer as mais cruéis violências físicas e de gênero e aceitar calada. Deslocadas da fragilidade reducionista comumente associada às mulheres elas deixariam o lugar de passivas e assumiriam a força física e psicológica das relações de poder e subjugariam os homens. Matariam, sem pudor e arrependimento, aqueles que ousassem lhe tomar a autonomia adquirida, que tentassem objetificá-las e agredi-las. A última estrofe traz os seguintes versos:

Só estou avisando, vai mudar o placar...
Dizem, que mulher sabe vingar
Talvez ela não mate com as mãos, mas mande trucidar...
Talvez ela não atire, mas sabe como envenenar...
Talvez ela não arranque os olhos, mas sabe como cegar...

Só estou avisando, vai mudar o placar... (SOUZA, 2012, p. 48-49)

Amparada pela justificativa dos primeiros versos do poema, de que o crescimento da violência de gênero é negligenciado pelos órgãos competentes de justiça, de que as mulheres têm morrido pelos

quatro cantos da cidade e nada é feito, a solução encontrada pelo “eu-lírico” é fazer justiça com as próprias mãos.

O verso “Só estou avisando, vai mudar o placar...” principia todas as estrofes não como uma ameaça, mas o reforço e a repetição trazem a certeza de que haverá resistência e luta frente às agressões vividas. A representação da figura feminina como incapaz de crimes e premeditações é desconstruída, revelando uma arquitetura consciente e bem planejada do revide. Capazes de mecanismos diferentes de tortura, elas não perderiam, nem mesmo nos atos mais sórdidos e cruéis, o poder de governar suas próprias vidas.

Segundo Lucia Tennina, o que ocorre é uma inversão de papéis, em que o “eu-lírico” configura-se como o “testemunho representante de um ‘eu’ plural, nesse caso das mulheres agredidas das regiões periféricas. Por outro lado como em todo texto testemunhal, existe um inimigo comum a ser enfrentado – os homens violentos” (TENNINA, 2015, p. 321; grifos da autora). O discurso transgressor do poema se dirige ao espaço simbólico da masculinidade opressora, da estrutura *falocêntrica* e misógina em que a sociedade patriarcal está galgada, estrutura que oprime e mata mulheres por meio da cultura do estupro e do *feminicídio*.

A voz que vemos surgir dos poemas de Elizandra Souza é uma voz de representatividade, de comprometimento estético, social, político e literário com as mulheres periféricas e marginalizadas. Que num processo intenso e contínuo desconstrói mitos e tabus para reconstruir a figura feminina de maneira emancipada, *empoderada* e dona de seu corpo e discurso. Uma mulher que não se deixa assujeitar e subalternizar. Que por meio do ato político, que perpassa a poesia, ecoa como um grito de resistência para dizer: nós existimos e não vamos mais nos deixar silenciar:

Mulher que só se curva para o tambor
Trançando com os pés o futuro
Desenhando no infinito seu próprio caminho
Rabiscando sem rascunho no ar (SOUZA, 2012. p. 35)

Nesse trecho do poema *Cadência Sagrada*, o “eu-lírico” deixa claro que a mulher representada não se curvará para ninguém, tão somente para o tambor, símbolo e marca de sua ancestralidade, de suas origens e motivo de orgulho para sua existência. O verso “trançando com os pés o futuro” evidencia que essa mulher não aceitará que suas atitudes e escolhas sejam determinadas por outras pessoas que não ela mesma, pois são seus pés (e não outra parte do corpo) que determinarão os lugares e caminhos que trilhará. A ausência de rascunho evidencia a necessidade de não se prender a expectativas, normas e condutas sociais pré-estabelecidas. O “eu-lírico” deflagra uma figura feminina *empoderada* que tem consciência e entendimento de seu corpo e de sua voz.

Reflexões finais

Segundo Guacira Louro (2010, p. 16; grifos da autora), “os grupos sociais que ocupam as posições centrais, ‘normais’ (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm a possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros”. Entretanto, essa representação está pautada, na maioria das vezes, pela visão e pelos valores estéticos, morais e ideológicos do grupo que mediatiza e tem acesso à voz.

Uma das quebras de paradigma literário mais importantes que a poética de Elizandra Souza traz é romper com os intermediários e promover a autorrepresentação de mulheres periféricas, muitas delas

negras, que são marginalizadas, constantemente objetificadas e tidas como inferior. Mostrar essa mulher como alguém que não aceita a violência e a opressão é um ato de resistência que precisa ser pautado e evidenciado tanto na sociedade quanto dentro da academia e dos estudos literários, por meio de profundas discussões relacionadas à teoria de gênero, em que outras nuances como o viés racial e de classe também estejam inseridas.

Se “a mulher não é definida nem por seus hormônios nem por seus instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo” (BEAUVOIR, 2009, p. 928), parece pertinente dizer que Elizandra Souza reassume a consciência, o corpo, o discurso e o espaço da mulher periférica de maneira crítica e irreversível. Ao reelaborar o “eu” em seus poemas, revelando a coletividade das mulheres periféricas, e trazer as questões de gênero para o centro da discussão, a autora rechaça a teoria biologizante amplamente criticada por Beauvoir, em que a mulher é configurada apenas como um mero receptáculo a serviço da reprodução, e desconstrói o lugar dela dentro na literatura canônica para muito além das possibilidades reducionistas de representação como musa e objeto de desejo.

O corpo, revelado nas análises aqui efetuadas, é o espaço simbólico da luta e da resistência, desconstruído e deseducado, que rejeita a escolarização tradicional opressora, as normas de gênero naturalizadas consideradas “normais” e se reconstrói como um espaço de afeto, *empoderamento* e emancipação que rompe o silêncio.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de

Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDAO, Ruth Silviano. A mulher escrita. In: CASTELLO BRANCO, Lucia; BRANDAO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004, p. 11-94.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In.: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 49-58.

CASTRO, Silvia Regina Lorenso. Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico. **Estudos de Literatura brasileira contemporânea**. Brasília, n. 49, p.51-77, set-dez. 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010, pp. 40-64.

HAPKE, Ingrid; NASCIMENTO, Érica Peçanha do. É imprescindível que a produção dos escritores da periferia seja reconhecida como literatura. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 3, p.215-223, jan-julho de 2010.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher**: Mulheres negras e feminismo. Trad. livre da Plataforma Gueto. Rio de Janeiro: Plataforma Gueto, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 7-34.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes marginais da literatura**. Rio de

Janeiro: Aeroplano, 2009.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual**: sexo e cultura do fin de siècle. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SOUZA, Elizandra. **Águas da Cabaça**. São Paulo: Ed. do autor, 2012.

SOUZA, Elizandra. **Punga**. São Paulo: Toró, 2007.

TENNINA, Lúcia. Afeto, escrita e corpo na produção feminina das periferias de São Paulo. In: BARBARENA, Ricardo; DALCASTAGNÈ, Regina. (ORG). **Do trauma à trama**: o espaço urbano da literatura brasileira contemporânea. Porto alegre: Luminara Editorial, 2015, p. 301-333.

ZOLIN, Lúcia Osana. Identidades deslocadas: representações femininas na ficção brasileira contemporânea escrita por mulheres. In: BARBARENA, Ricardo; DALCASTAGNÈ, Regina. (ORG). **Do trauma à trama**: o espaço urbano da literatura brasileira contemporânea. Porto alegre: Luminara Editorial, 2015, p. 335-356.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza**: como as imagens são usadas contra as mulheres. Trad. de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Recebido em 01/03/2017

Aceito em 08/06/2017